

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins

Maria Zilah Sales de Albuquerque

Carlos Alberto dos Santos Bezerra

André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO *LIBER SANCTI JACOBI*

Cristiane Sousa Santos

Santiago de Compostela.

RESUMO: O culto aos santos possui inúmeras nuances na Idade Média. Embora, as origens desse fenômeno seja anterior a este período. Por sua vez, tais manifestações, tiveram a seu favor as coletâneas com as narrativas das vidas dos santos, denominadas, hagiografias. Instrumento legitimador e de certa forma, com severas semelhanças por apresentarem seus “heróis” e protagonistas com características que valorizassem uma aproximação com o modelo maior da Cristandade, o próprio Cristo. Para tanto, há que considerar que as hagiografias apresentavam características que eram caras às instituições responsáveis por suas formulações. No caso de São Tiago, sua hagiografia está inserida no mais importante documento a tratar sobre a peregrinação e o seu culto em *Hispania*, o *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus*, como também é rotineiramente chamado. Datada do século XII, a obra reúne toda a tradição do culto de São Tiago, as informações necessárias para os peregrinos que se dirigiam à Compostela no medievo e os milagres atribuídos ao santo. Neste artigo, ponderamos acerca das hagiografias e posteriormente nos dedicamos à uma análise e interpretação de alguns dos milagres contidos no *Liber Sancti Jacobi*.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiografia, milagres,

INTRODUÇÃO

Os cristãos do medievo se orientavam pela salvação de suas almas. Diante do medo de uma vida que não se provasse factível da aprovação divina, acreditaram nas maravilhas dos milagres e nos exemplos das vidas dos santos, que impulsionavam os fenômenos das peregrinações e a devoção para com as mais variadas relíquias, que os aproximavam de sua fé.

Nesse sentido, conforme afirma Gomes (2014), as hagiografias medievais são textos que englobam a construção da salvação da alma do cristão, “traduzindo na planificação de uma conduta de vida guiada pelo exemplo moral e pela apropriação de virtudes, numa verdadeira arquitetura espiritual”. Gomes (2014, p. 34). Dessa forma, os textos hagiográficos são norteadores para uma vida coberta pelo véu da ilusão, mas exemplar, no sentido da perfeição da cristandade e na personificação dos santos. Mas, sobretudo, esses documentos constituem-se em fontes para amplas investigações.

Como salienta Almeida (2014), os cristãos do medievo, empenharam-se para que os textos hagiográficos incorporassem a memória comum e nesse interim as hagiografias podem

ser incluídas na reflexão de uma memória histórica, pois agiam como veiculadores de percepções históricas da realidade em que foram concebidas.

Na Idade Média, o texto hagiográfico vicejava como uma escrita privilegiada e mesmo necessária, pois encerrava não apenas a história de um santo e a memória da “aliança” que se entendia constitutiva da unidade cristã, mas muitas vezes a história de um mosteiro, de uma diocese, de uma família, de uma região, de um conflito, de um pacto de paz, etc. As modalidades de lendas de santos eram muitas. [...] A narrativa de seu exemplo constituía uma arma veemente em favor do arrependimento de grandes e pequenos. (ALMEIDA, 2014, p. 98).

Considerando a amplitude de possibilidades a serem verificadas nessas narrativas, os milagres narrados no *Liber Miraculorum* ou Livro II do *Liber Sancti Jacobi*, são instrumentos de fundamental importância para se entender a memória reunida em torno do mito apostólico jacobeu na *Galiza*. Entendemos que a partir da tradição dos milagres, possamos ampliar as razões que possibilitaram a afirmação da presença das relíquias do apóstolo Tiago, o Maior em Santiago de Compostela e a primazia da Sé apostólica em *Hispania*.

Os milagres segundo Agostinho (2014), são em si obras que Deus se dignifica a conceder, em razão de suas promessas feitas aos mais piedosos, a fim de aumentar a fé destes. Ao fazer um breve histórico das ações milagrosas de Deus na tradição do Antigo Testamento, Santo Agostinho afirma que,

Tais milagres e tantos outros que seria demasiado longo lembrar não tiveram outro objetivo senão estabelecer o culto ao verdadeiro Deus e proibir o tributado às falsas divindades. Mas operavam-se pela simplicidade da fé, pela confiança da piedade, não por sortilégios, por encantamentos de arte sacrílega de criminosa curiosidade, chamada, ora magia, ora por nome mais detestável, *goecia*, ou por nome menos odioso *teurgia*. (LIVRO X, CAP IX, 2014, p. 489).

Idade Fé, na Idade Média a sociedade sensibilizou-se constantemente, com tradições que influíam na vida humana, seja na entidade de Deus, ou caracterizada nos seres fantásticos como as fadas. É a partir dessa dicotomia entre um maravilhoso cristão e outro pagão que S. Agostinho delimita com tanto vigor a *goecia* associada à magia e a *teurgia*, “uma arte conciliadora dos anjos e dos deuses”, mas em si uma prática pagã, atribuindo a real valor de Deus nas práticas milagrosas. Já advertia o Bispo de Hipona:

Mas, como se operam, assim, tantos prodígios que ultrapassam todo poder humano, que se deve razoavelmente concluir, senão que semelhantes predições ou operações maravilhosas, sinal distintivo de força superior, se não se relacionam com o culto ao verdadeiro Deus, cujo, amor, segundo a confissão e os numerosos testemunhos dos próprios platônicos, é o único bem e a única beatitude, não passam de ilusões dos espíritos malignos, armadilhas e seduções que a verdadeira piedade deve conjurar? Quanto aos milagres, sejam quais forem operados pelos anjos ou por qualquer outro modo se destinam a glorificar o culto da religião do verdadeiro Deus quem neles e por eles opera. Não demos atenção, por conseguinte,

a homens que ao Deus invisível recusam a faculdade de operar milagres visíveis, pois, segundo eles mesmos, é o autor do mundo, cuja visibilidade não poderiam negar. (AGOSTINHO, LIVRO X, CAP. XIII, 2014, p. 497).

Segundo Vauchez (2002), a transformação do olhar do historiador para com as narrativas religiosas enquanto fonte histórica veio com Marc Bloch em sua obra, os Reis Taumaturgos (1993).

Marc Bloch, de fato, não perguntava se os milagres da Idade Média eram objetivamente verdadeiros, mas, partindo da fé no milagre como um dado concreto procurou explicar o lugar que ela havia ocupado nos espíritos e as implicações que poderia ter tido no campo religioso e político. (VAUCHEZ, 2002, p. 192).

Por outro lado, a atenção que estas narrativas passaram a receber não se deram forma imediata. Tais barreiras foram sendo transpostas aos poucos, e que os historiadores necessitam de cuidados metodológicos, no manuseio dessas fontes, como objetos de construção do conhecimento histórico.

O MILAGRE NA CRISTANDADE MEDIEVAL

Um dos primeiros instrumentos de divulgação dos milagres é a Bíblia. Este livro alimentou sem dúvidas a maior parte das criações intelectuais da Idade Média. O Antigo Testamento é saturado de exemplos que traduzem as intervenções de Deus em favor de seus fieis, tais como, no livro de Êxodo, quando Deus atua nos prodígios de Moisés na dura travessia dos hebreus saídos do Egito, rumo a Terra Prometida.

O Novo Testamento tem um papel ainda mais preponderante, Jesus é por excelência o modelo que todos os santos tentaram evocar. Estabelecido como o mediador entre o homem mortal e a bem aventurança divina, Jesus Cristo operou maravilhas, e não apenas o seu modo de vida ascético influenciou a espiritualidade, mas seus milagres foram fontes para as narrativas das vidas dos santos.

Jesus foi de fato o modelo que todos os santos tentaram imitar e suas curas milagrosas marcaram igualmente os hagiógrafos medievais, muitos dos quais atribuíram a seus heróis as mesmas curas que são descritas nos Evangelhos, assim, como as modalidades de sua realização, quer dizer, o toque dos doentes e a imposição das mãos. Estes autores não deixaram de salientar o fato dos milagres do Salvador apresentarem-se sempre como resposta a um ato de fé – esta fé que “move montanhas”, ao mesmo tempo em que é comparada a um grão de mostarda – materializada por uma palavra ou prece insistentemente endereçada a Deus. (VAUCHEZ, 2002, p. 199).

A imagética do milagre que prevaleceu na Idade Média foi estabelecida nos primórdios do cristianismo enquanto religião oficial do Império Romano. Santo Agostinho postulou que não havia distinção entre o milagre e a natureza, “para ele, todos os fatos da natureza são igualmente surpreendentes e assombrosos, mas o

homem acostumou-se tanto com eles que não sabe mais vê-los desta forma”. Através dos milagres, Deus demonstrava a sua onipotência.

Essa concepção ganhou novos contornos com Gregório Magno no século VI. Para este, a noção de lei natural desaparece, o milagre atua como sinal divino e institui-se como lição ou aviso. Os milagres servem para edificar o cristão na doutrina cristã e na Igreja. “Gregório pensa que em um mundo sem dúvida condenado a desaparecer em breve, é essencial que o homem esteja atento aos sinais anunciadores da catástrofe final”. Vauchez (2002, p. 200). Sinais divinos naturais, e orientadores dos modelos ideais de cristãos, os milagres foram se sedimentando como um dos pilares da vida religiosa no medievo. Embora, para a Igreja, a tarefa de situar o miraculoso cristão do folclore pagão.

[...] os clérigos procuraram, sobretudo substituir o miraculoso pagão pelo miraculoso cristão, situando-o no mesmo nível de realismo e eficácia. As relíquias que, mesmo reduzidas a minúsculos fragmentos, conservavam todas as prerrogativas dos corpos santos, foram os principais instrumentos desta pastoral elementar. (VAUCHEZ, 2002, p. 201).

Dessa forma, as relíquias tornavam-se os principais receptáculos irradiadores dos milagres, esta política, desviou as tradições pagãs que associavam as curas e os desejos atendidos à fontes ou outros elementos da natureza como mediadores dos milagres. Pois, os fiéis partiam em busca dos milagres, não para a salvação de sua alma, mas em si, para o livramento de um mal físico. As doenças seriam fruto de forças do mal que se instalavam na vida do cristão em razão de uma transgressão. Assim, os milagres se instituíam em ações divinas que expulsavam estes males.

Contudo, o milagre enquanto pilar da cristandade foi sendo institucionalizado e suas atribuições foram sendo cada vez mais restritas. Em fins do século XI, os clérigos se dedicaram a buscar uma explicação racional para os aspectos extraordinários dos milagres, o extraordinário como os monstros e cataclismas foram dissociados, e os milagres passaram a ser caracterizados pela dimensão religiosa. Entretanto, mesmo as mudanças das concepções dos milagres no medievo, a fé popular apresentou poucas mudanças, assim, essas manifestações foram se diversificando em diversas formas, através de milagres sacramentais, espirituais e místicos.

OS MILAGRES DE SÃO TIAGO

O *Liber Miraculorum* ou Livro II do *Liber Sancti* é a parte mais conhecida do códice. É a síntese da memória social que recolhe a tradição oral em torno do mito compostelano. Geary (2002), atenta para a amplitude dos sentidos de memória no medievo que:

[...] englobava toda a comemoração ritual dos defuntos: procissões funerárias, aniversários dos mortos, celebração litúrgica dos mortos, fossem eles mortos

Mas como afirma Ricoeur (2007, p. 109), o vínculo original do passado ao que parece reside na memória. Nesta perspectiva, “a memória é passado, e esse passado é o das minhas impressões”. E é com a narrativa que as lembranças plurais podem ser encerradas em uma memória singular.

É na memória que Deus é primeiramente buscado, para Agostinho essa busca se dá na meditação da memória, mesmo que não se consiga distinguir Deus em nenhuma imagem, Ele estará inserido na consciência. S. Agostinho com a sua metáfora de palácio da memória, proporcionou aos cristãos medievais uma maior profundidade ao simbolismo da memória,

Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, com as ciências e as artes, ou então por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando não agitam, enraízam na memória, posto que esteja na memória tudo o que está na alma. (AGOSTINHO, LIVRO X, CAP17, 2014, p. 256).

Para Le Goff (1990), a memória no medievo ocidental, era em suma escatológica, e negava a experiência temporal e a história. Os cristãos eram continuamente chamados a viverem a memória dos passos de Cristo. Nesse sentido, fundamentados na tradição agostiniana do olhar interior, na eterna busca por Deus, na consciência, a memória cristã nesse período, se manifestará essencialmente na comemoração de Jesus em conjunto com outros mortos ilustres - ou não em razão, do costume das orações pelos mortos -, como os santos e os mártires.

Com o santo, a devoção cristalizava-se em torno do milagre. Os *ex-voto*, que prometiam ou dispensavam reconhecimento em vista de um milagre ou depois de sua realização, conhecidos do mundo antigo, estiveram em grande voga na Idade Média e conservavam a memória dos milagres. (LE GOFF, 1990, p. 449).

No que se refere à coletânea dos 22 milagres do Livro II do *Liber Sancti Jacobi*, o narrador em seu prólogo salienta que os milagres foram recolhidos em diferentes partes da Europa. Não se pode afirmar, que a construção da narrativa se deu de fato através dessa tradição oral, mas que os mesmos fazem parte de uma memória de milagres encontrada em outras hagiografias, ou códices dedicados a tratar da temática jacobea.

Segundo Silva (2008), o pesquisador Ramírez Pascual traduziu e publicou um códice com milagres atribuídos a São Tiago, sendo que entre os nove milagres presentes na narrativa, seis estão presentes no códice compostelano. Mas o próprio Ramírez Pascual sugere que o códice compostelano, foi composto a partir de uma tradição oral, transmitida pelos peregrinos, devotos de São Tiago. No entanto como afirma o autor do prólogo do *Liber Sancti Jacobi*:

Advirtiendo yo esto, al recorrer tierras extranjeras, conocí algunos de estos milagros en Galicia, otros en Francia, otros en Alemania, otros en Italia, otros en Hungría, otros en la Dacia, algunos también en allá de los tres mares, diversamente escritos, como es natural en los diversos lugares; otros los aprendí en tierras bárbaras, donde el santo Apóstol tuvo a bien obrarlos, al contármelos quienes los vieron u oyeron; algunos los he visto com mis propios ojos, y todos ellos diligentemente, para gloria del Señor y del Apóstol, los encomende a la escritura. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. I, 1951, pp. 335-336).

Eis aqui uma prerrogativa universal em relação aos milagres do *Liber Sancti Jacobi*, as personagens são originadas dos mais diversos lugares europeus, França, Grécia, Inglaterra, Itália e dos reinos hispânicos. Outro fator relevante a ser destacado diz respeito à contemporaneidade da maioria dos milagres em relação à coletânea. Dos vinte e dois milagres, doze se passaram no século XII, outros oito milagres se situam no século XI, um destes não tem uma data exata na obra, e o segundo milagre precisamente, tem a sua escrita anacronicamente atribuída ao século IX.

Dos vinte dois milagres, dezoito teriam sido de escrita do Papa Calixto II, dois deles, o décimo sexto e o décimo sétimo tem a sua autoria atribuída a S. Anselmo (1033 – 1109), o quarto milagre tem seu registro atribuído a certo cônego Humberto da igreja de Santa Madalena Bensaçom. O segundo milagre, tem sua autoria atribuída anacronicamente a Beda, o Venerável que viveu no século VIII, e a narrativa do milagre se reporta ao tempo de Teodomiro de Iria Flávia, bispo do período da *revelatio* entre os anos 830 – 840.

Nas narrativas dos milagres é possível notar a preocupação dos autores em situar os milagres nas rotas das peregrinações rumo à Compostela. Destes, quatro ocorrem com os peregrinos que estão ou em direção ou retornando de Jerusalém (milagres: sétimo, oitavo, nono e décimo). Segundo Maleval (2005), a presença desses milagres no códice, confirma a tese de que nos séculos XI e XII, os destinos de peregrinação eram Santiago de Compostela e Jerusalém, estando os números de romeiros em direção a Roma reduzidos.

No que tange às narrativas dos milagres, o primeiro destes, se passou no século XI, reafirma a tradição de São Tiago como sendo o primeiro apóstolo a ser martirizado:

O bem-aventurado São Tiago Apóstolo que, no fervor da fidelidade, foi o primeiro entre os apóstolos a suportar a dor do martírio, afadigou-se para extirpar pela raiz, com inumeráveis provas milagrosas, a aspereza dos povos, que regou com a doutrina de sua santa pregação. E ele que, no desterro desta vida material, foi com a ajuda divina autor de tantos milagres, agora depois de haver enxugado o suor de seu trabalho com o pano da recompensa da felicidade, eterna derrama abundantemente as manifestações de sua virtude sobre aqueles que deixam de rogar-lhe, fazendo-lhe urgentes petições. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, CAP. I, *apud* MALEVAL, 2005, p. 99)

Trata-se da soltura de um grupo de vinte homens que São Tiago teria libertado do cativeiro dos moabitas. Nesse interim, São Tiago volta do além, para guiar os

prisioneiros até as portas da cidade. Tiago assim transita entre o “aqui” e o “Além”, o santo assim, “desce” do Paraíso, em favor daqueles que clamam por sua interseção no momento em que estão sendo afligidos por um mal. Le Goff (2002), situa os três terrenos deste “Além”: o primeiro deles, o Paraíso, lugar para o qual os cristãos pretendem passar a eternidade ao alcançarem a salvação. No entanto, como assinala Le Goff (2002, p. 21):

[...] o cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após a sua morte terrestre na cruz. O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita regras que fixou, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante a sua vida terrena.

Dessa forma, Tiago, surgiu “ressuscitado” no “aqui”, ao transitar entre os fieis e abrir as portas da cidade para conceder liberdade aos prisioneiros que clamam por sua intercessão. Tiago vai transitar entre o “aqui” e o “Além” em outros milagres, no quarto milagre, um grupo de cavaleiros que sai em peregrinação a Santiago de Compostela, dos trinta homens, um apenas não faz um trato de fidelidade. No caminho, um destes cavaleiros cai doente e aquele que não fez o trato é o único a ficar com o moribundo cavaleiro, que não resiste e morre.

Diante disto o vivo, muito assustado por causa da solidão do lugar, a escuridão da noite, a presença do morto e o horror da bárbara gente dos bascos ímpios que havia próxima aos portos, teve grande medo. Como nem em si mesmo e nem em homem algum achava auxílio, dirigindo-se ao Senhor em seu pensamento, pediu proteção a São Tiago com suplicante coração, e o Senhor, fonte de piedade, que não abandona aos que nele esperam, se dignou visitar o desamparado por meio de seu Apóstolo. Efetivamente, São Tiago como soldado a cavalo se apresentou em meio à sua angustia. E lhe disse: “Que fazes aqui, irmão?” “Senhor”, respondeu ele, “antes de tudo desejo enterrar este companheiro, mas não tenho meio de enterrá-lo neste deserto”. Então o Apóstolo lhe replicou: “Traz-me aqui esse defunto e monta no cavalo atrás de mim até que cheguemos ao lugar da sepultura”. E assim se fez. O Apóstolo tomou diligente ao morto em seus braços diante de si e fez o vivo montar na garupa do cavalo. Maravilhoso poder de Deus, maravilhosa clemência de Cristo, maravilhoso auxílio de São Tiago! Percorrida naquela noite a distância de doze dias de caminho, antes de sair o sol, a menos de uma milha de sua catedral, no Monte do Gozo, o Apóstolo desceu do cavalo aos que havia trazido e mandou ao vivo que chamasse os cônegos da dita basílica para dar sepultura ao peregrino de São Tiago. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, CAP. IV, *apud* MALEVAL, 2005, p. 113).

Ao retornar de Santiago, o cavaleiro encontra os companheiros no caminho e lhes fala do desagrado de São Tiago, com a atitude dos mesmos. Tiago havia por meio do cavaleiro que auxiliara que os seus pares penitenciassem e sob a orientação do bispo de Leão, após a conclusão da penitência, partem em peregrinação ao santo sepulcro jacobeu. (MALEVAL, 2005, p. 33).

São Tiago continua com suas aparições entre o “aqui” e o “Além”, ainda nos milagres sexto, sétimo, oitavo, décimo quinto, vigésimo, vigésimo primeiro e vigésimo

segundo. Nestes milagres, continua a atender os peregrinos no caminho à Santiago de Compostela, reprimindo aqueles que atuam dificultando a peregrinação. No milagre sexto, temos, por exemplo, a lição dada a um hoteleiro desonesto. Na narrativa, acompanhamos a dura ascese de um cavaleiro poitevino e sua família que partem rumo à Santiago de Compostela fugindo da peste. No caminho a mulher do cavaleiro falece e o estalajadeiro na hospedaria em que estava ele e sua família, espolia seus bens, inclusive a égua que proporcionaria ao cavaleiro e seus dois filhos alcançarem o sepulcro compostelano. Partindo a pé com as crianças, o cavaleiro encontra com um senhor que lhe empresta um asno, este senhor vem a ser Santiago que revela ao cavaleiro sua identidade em Santiago de Compostela. O santo Apóstolo empresta mais uma vez a montaria para o cavaleiro e sua família e anuncia a este a terrível morte do estalajadeiro desonesto. Nessa perspectiva, a narrativa faz o papel de alertar os perigos da peregrinação quanto aos donos das hospedarias que agiam de má com os peregrinos.

Assim, pois, neste milagre se demonstra claramente que todos os hoteleiros perversos se condenam à morte eterna por apropriarem-se desonestamente dos bens de hóspedes vivos ou defuntos. Deve-se, pois, oferecer esmolas às igrejas e aos pobres de Cristo em sufrágio dos mortos. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, CAP. VI, *apud* MALEVAL, 2005, p. 123).

O sétimo milagre, é o primeiro a relacionar a peregrinação de Santiago de Compostela e a Terra Santa. Neste milagre um marinheiro de nome Frisono, - em meio a um embate entre cristãos e sarracenos, comandados por certo Avito – cai ao mar com sua armadura e escudo, e invoca o auxílio de São Tiago. O Apóstolo vem mais uma vez do “Além” em auxílio dos que nele esperam, denominado pela narrativa como cavaleiro de Cristo. Ao salvar Frisono e os outros cristãos que seguiam na peregrinação à Jerusalém, a atuação do cavaleiro que atua ao lado dos cristãos ante os muçulmanos se faz presente. Tiago, alerta a Avito que se o mesmo não deixar a nave dos cristãos, entregará ao sarraceno e seus irmãos para o poder do mar. Avito pergunta ao Santo se ele é o deus do mar, ao que o Apóstolo responde prontamente que não o é, mas é um servo do Deus do mar. Entendemos que aqui, embora não se faça presente à denominação cavaleiro matamouros, Tiago esteja atuando como se o fosse.

O oitavo milagre é diretamente influenciado por um milagre de Cristo, já que Tiago anda sob as águas e mais uma vez S. Tiago intervém em favor dos peregrinos que se encaminham a Jerusalém, e que por intempéries do mar caem de suas embarcações e invocam o auxílio do Apóstolo. Nessa narrativa, Tiago aparece como apóstolo e ordena ao mar que se acalme, “não temais, filhinhos meus”, brada o santo, que devolve a todos aqueles que caíram ao mar, secos para a nave.

O próximo milagre que deixa implícito, o transito de São Tiago do Paraíso para o plano terreno é o décimo quinto. Conforme a narrativa, por volta do ano de 1110, duas

facções de cidades inimigas italianas entram em combate, a vencedora sai no encalço do outro grupo, dentre os derrotados um cavaleiro, que empreendia a peregrinação à Santiago de Compostela, já sem forças invoca o auxílio de São Tiago, que surge entre o cavaleiro e seus inimigos com um escudo e interpele a ação dos inimigos do fiel, atrasando-os e facilitando a fuga do cavaleiro. No pagamento de sua promessa o italiano faz e peregrinação e apresenta-se com seu cavalo – mesmo com a proibição dos guardas da basílica – diante das portas do altar. Aqui mais uma vez, São Tiago atua como um cavaleiro, tendo em vista a presença do escudo, no entanto, sem o embate contra os muçulmanos, que é a principal intervenção do cavaleiro matamouros. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, *apud* MALEVAL, 2005, p. 144 – 145).

A apresentação de São Tiago sofreu alterações, desde a *revelatio* no século IX, inicialmente apresentado como um pescador, em uma clara alusão à metáfora do pescador de almas, Tiago foi posteriormente caracterizado como os peregrinos que rumam à Compostela. A caracterização de Tiago enquanto cavaleiro de Cristo apareceu pela primeira vez, na *Crônica Silense* do século XII. No decorrer dos séculos XII e XIII, outras referências surgem sobre São Tiago, tendo o santo caracterizado em sua versão cavalheiresca. Dentre estas estão, o *Chronicon Mundi* de Lucas de Tuy e a *História Gótica* de Rodrigo Ximenes de Rada. Segundo Rui (2012), estas narrativas são algumas das referências para a elaboração da *Primera Crónica General de España*, “a crônica elaborada sob a orientação de Alfonso X já tem definida e concretizada a caracterização de São Tiago como guerreiro. Nela não se faz referência a São Tiago como peregrino, conforme descrito no *Liber Sancti Jacobi*”. (RUI, 2012, p. 114). Na *Primera Crónica General de España*, Tiago se identifica como cavaleiro a serviço de Cristo.

Estiano, tu tienes por escárnio porque los romeros me llaman caullero, et dicen que lo non so, et por eso uin agora a ti a mostrarteme por que nunca iamas dubdes que yo non so cauallero de Cristo et ayudador de los cristianos contra los morros. (*PRIMERA CRÓNICA*, 1995: 487 *apud* RUI, 2012, p. 114).

Esta passagem descreve a aparição em sonho que São Tiago, faz a um Bispo que repreende aqueles que o veneram como cavaleiro de Cristo, quando os apóstolos eram os pescadores de almas. Dentre os milagres descritos no *Liber Sancti Jacobi*, há um milagre com semelhante enredo, o que denota que dentre as narrativas referenciais para a *Primera Crónica General de España*, se encontra o *Codex Calixtinus*.

No décimo nono milagre, certo Bispo grego de nome Estevão, deixou sua morada e seguiu para Compostela, não desejando mais voltar, na basílica compostelana os clérigos consentem que o bispo se junte a eles na basílica, para levar em frente ao altar uma vida celibatária. Entretanto, certo dia, quando os aldeões que participavam de uma festa em louvor a São Tiago, exaltados adentraram a basílica e declamaram: “- São Tiago, bom cavaleiro, livra-nos dos males presentes e futuros”. O Bispo os repreende: “Aldeões burros, a São Tiago deveis chama-lo pescador e cavaleiro”.

Mas na noite do mesmo dia em que o santo varão havia recordado isto de São Tiago, este se lhe apareceu vestido de alvíssimas roupas e portando armas que sobrepujavam em brilho aos raios do sol, como um perfeito cavaleiro e, além do mais, com duas chaves nas mãos. E havendo-lhe chamado três vezes, lhe falou assim: Estêvão, servo de Deus, que mandaste que não me chamassem cavaleiro, senão pescador; por isso apareço a ti nesta forma, para que não duvides mais de que milito a serviço de Deus e sou seu campeão e na luta contra os sarracenos precedo aos cristãos e saio vencedor por eles. Tenho conseguido do Senhor ser protetor e auxiliador de todos os que me amam e me invocam de todos os corações. (*LIBER SANCTI JACOBI*, CAP XIX, *apud* MALEVAL, 2005, p. 169).

Com efeito, a maravilha feita por S. Tiago, foi com as chaves em mão, no dia seguinte ao sonho do Bispo Estêvão, abrir as portas de Coimbra e devolvê-la aos cristãos. E mais tarde ficou comprovado ao bispo que no dia apontado por São Tiago (09 de julho de 1064) a dita cidade foi conquistada por Fernando I de Castela e suas tropas, das mãos dos muçulmanos.

De fundamental relevância ao se tratar sobre os milagres, situam-se as maravilhas ou *mirabilia*. O miraculoso cristão foi ao longo da Idade Média passando por transformações, fruto do objetivo de se distanciar do miraculoso pagão. Era vasta a dimensão de atributos que poderiam ser considerados maravilhosos. Dessa forma, algo que um crente concebia como um milagre por ordem de forças transcendentais, também poderia ser confundido por obra de Satã, afinal, ele “era capaz de produzir mágica estritamente a partir de seu domínio - como por vínculos terrenos com feiticeiros e todos os humanos a seu serviço, além dos membros de sua numerosa tropa de demônios -”. (LE GOFF, 2002, p. 105).

Conforme os postulados de Le Goff (2010), uma dentre as características do maravilhoso é o fato de ser produzido por forças sobrenaturais e inumeráveis. No maravilhoso cristão há apenas um autor e este é Deus, no entanto, os milagres só podem ser realizados através de seus intermediários, os santos. Daí, o encerramento em uníssono nas narrativas de milagres: “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos. Seja, pois, para o Supremo Rei a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Assim seja.”. (*LIBER SANCTI JACOBI*, CAP. I, *apud* MALEVAL, 2005, p. 101).

A preocupação em destruir e resistir ao maravilhoso, pelo cristianismo, passa por mudanças e nos séculos XII e XIII, há uma emergência do maravilhoso na cultura dos doutos. Segundo Le Goff (2010, p. 18), o que pode explicar tal transição é o “facto de que a Igreja já não tem razão, como de facto tinha na alta Idade Média, para levantar barreiras contra o maravilhoso. Ele é agora perigoso, a ponto de Igreja poder já domesticá-lo, recuperá-lo”. O cristianismo passa a utilizar o maravilhoso, tornando-o obediente a Deus e aos santos.

O maravilhoso atinge os homens por vias variadas, oral, escrita ou figurada, conforme vias elas próprias maravilhosas. Uma das mais usuais e significativas é a do sonho, visão da aparição. [...] Enfim, a literatura hagiográfica, tão abundante e tão divulgada, enriquece as vidas de santos – que não são sempre os intermediários

de Deus na realização dos milagres – com episódios maravilhosos pelos quais se manifesta o poder que lhes fora concedido por Deus. (LE GOFF, 2002, pp. 114 – 115).

Dessa forma, Tiago se apresenta de forma maravilhosa, em suas diversas aparições, seja fisicamente ou em sonhos, realiza curas através do toque das conchas símbolos dos peregrinos de Santiago de Compostela (milagres nono e décimo segundo), intervém na ressurreição mortos, como fez Jesus com Lázaro e enfrentou demônios para salvar da perdição aqueles que o invocam.

Como se pode notar, os milagres de São Tiago não apresentavam grandes diferenças de outras hagiografias medievais. E se o maravilhoso doméstico surge através dos atos miraculosos de São Tiago, uma das outras faces das *mirabilia* também surgem na narrativa, o Diabo.

“A encarnação do mal, oponente das forças celestes, tentador do justo é onipresente e o seu terrível poder se faz sentir em todos os aspectos da vida”. (BASCHET, 2002, p. 319). No *Liber Miraculorum*, o Diabo tem importante participação no décimo sétimo milagre, que tem seu conteúdo recorrente em outros textos, como em um dos poemas de Guaiferio de Benevento, abade de Salerno.

A narrativa fala de um peregrino que amava fervorosamente São Tiago. O rapaz era solteiro e vivia apenas com a mãe, levando uma vida casta. Mas, certo dia é vencido pelos prazeres da carne e se deita com uma jovem. Na manhã seguinte, o rapaz se prepara para a peregrinação em direção à Santiago de Compostela. O jovem caminhava com um amigo de longa data, sem quaisquer percalços,

Mas o diabo, invejando a pacífica e boa companhia, se aproximou disfarçando-me figura humana, de aparência honesta, ao jovem que havia fornicado em sua terra e lhe disse: “Sabes quem sou?” “Não”, respondeu este. E acrescentou o demônio: “Sou o apóstolo São Tiago a quem desde muito tempo costumava visitar e honrar todos os anos com suas oferendas. Tens de saber que estava muito contente contigo, por que esperava certamente muito bem de ti. Mas faz pouco, antes de sair de tua casa, fornicaste com mulher, e desde então não se arrependeste disso e nem quiseste confessá-lo. E assim te puseste a caminho com teu pecado, como se tua peregrinação fosse agradável a Deus e a mim. Não é assim que deve ser. Pois todo o que por meu amor quer peregrinar, deve contar antes seus pecados em uma humilde confissão e logo penitenciar-se deles peregrinando. E quem agir de outro modo, a peregrinação será mal vista”. (*LIBER SANCTI JACOBI*, CAP. XVII, *apud* MALEVAL, 2005, p. 155)

O desenvolvimento da narrativa segue dramático, o jovem consumido pela culpa do pecado, segue uma grave orientação do diabo disfarçado de São Tiago: “Se deseja limpar-te de tua culpa, corta-te em seguida as parte viris com as quais pecaste”. O jovem tem consciência que praticando tal conselho não sobreviverá e então será um suicida, mas o demônio insiste: “Oh tonto, que pouco sabes da salvação. Se de tal forma morreres, sem dúvida sobrepujarás a mim, porque castigando tua culpa será mártir”. (MALEVAL, 2005, p. 157).

Assim, o jovem comete o ato contra si, e de fato não resisti, no entanto, São Tiago o devolve a vida e aqui o peregrino pratica a viagem simbólica do “Além”, para o terreno. O jovem relata a sua trajetória no “Além” e como que pela interseção de São Tiago junto a N. Senhora é livrado do Inferno e da decisão mariana de devolver-lhe a vida, tornando-se assim, um morto, ressuscitado.

Como afirma Stanford (2003, p. 17), “o Diabo servia como instrumento de controle, ou mesmo como um artifício para manter os fieis nos trilhos e teve sua atuação exacerbada e institucionalizada pela Igreja, para espalhar o terror”. No caso do peregrino da narrativa, a presença do diabo, disfarçado de São Tiago, é fruto do que Baschet (2002) coloca como o diabo e os tormentos da consciência individual:

[...] a crença no Diabo é pressão de uma consciência individual necessariamente culpável, atormentada e dividida. A consciência cristã encontra em si um mal que é preciso repelir, que ela pode em parte atribuir às tentações do Diabo e combater como a um inimigo exterior. O Diabo atormenta a consciência, mas ao mesmo tempo a ajuda a se constituir no interior de um universo dual no qual se opõem o bem e o mal, Deus e Satã, o anjo da guarda e o diabo pessoal. (BASCHET, 2002, p. 328).

Sendo assim, em uma hagiografia que visa transpor a lição de uma vida exemplar, nada mais aceitável que a presença do diabo, para transpor a dualidade entre o bem e o mal e transpor a exemplaridade da consciência do cristão, quando o mesmo está em consonância com o que a Igreja propõe. Os servos do diabo saíram em disputa pela consciência de um peregrino contra São Tiago no milagre XVI, mas é possível, notar um dos outros papéis que o diabo alcança no medievo, que é a personificação do inimigo da Igreja.

Embora, não seja explicitamente colocada em nenhuma das narrativas de milagres do *Liber Sancti Jacobi* a personificação dos muçulmanos enquanto vilões associados ao Satã é possível notar a utilização de Tiago enquanto cavaleiro que luta pelos cristãos contra os muçulmanos. Segundo Stanford (2003, p. 139), é no contexto das cruzadas, que “os muçulmanos passaram a ser direta e literalmente relacionados com o Príncipe das Trevas, do mesmo modo que Maomé passou a ser visto como o Diabo em pessoa e seus seguidores como servos de Satã”. No que se refere à situação da Península Ibérica esse cenário torna-se ainda mais circunstancial a caracterização dos muçulmanos enquanto servos do diabo. Nota-se então a progressiva mudança da figuração de São Tiago, nas narrativas, como o *Liber Sancti Jacobi*. Isto, pois, “Satã sempre esteve envolvido na questão do poder”. E “sua figura terrível e poderosa, unificando contra si todo o panteão cristão, duplicando negativamente as instituições, participa da afirmação de uma violência necessária”. (BASCHET, 2002, pp. 328 – 329).

Nesse sentido, os milagres de São Tiago recolhem toda a tradição da cristandade medieval, para a afirmação e legitimação do santo no território em que este atua. Como podemos situar, as ações miraculosas de São Tiago, remontam à um enredo já esperado pelos santos nas hagiografias, mas sua atuação se expande ao se observar

inclusive a sua providencial ação em cada um dos milagres. Entendemos que a escolha da Escola Compostelana para transcrever os milagres em uma proximidade temporal às das narrativas, se dá em razão do contexto em que a Península Ibérica se inseria e da necessidade dos reinos cristãos em se fazerem campeões diante da supremacia muçulmana na região.

Outro fator preponderante se dá inclusive, pela própria afirmação da basílica compostelana, ante as primazias vizinhas, afinal, apenas Roma possuía em seus terrenos as relíquias de um apóstolo. A presença dos restos de São Tiago em território galego e com tamanha atuação miraculosa, elevava a importância da sé compostelana e sedimentava a legitimação de São Tiago como evangelizador do antigo reino visigodo e, portanto da *Hispania*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peregrinação jacobea, o culto as relíquias de São Tiago e o *Liber Sancti Jacobi*, assim como as diversas outras crônicas e narrativas que versam sobre esse fenômeno na Idade Média, possibilitam um dimensionamento da realidade a um período de grandes transformações, na doutrina cristã e na espiritualidade medieval.

Conforme afirma Eliade (2008, p. 339), “qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre um precedente e um exemplo, não só em relação às ações – “sagradas ou profanas” – do homem, mas também em relação à sua própria condição”. Grosso modo, a atuação do mito compostelano no imaginário medieval se institui nessa direção, Tiago como *exempla*, modelo de cristão e ainda mais, como interventor nas ações permeadas pelas *mirabilia* em favor daqueles que percorriam os caminhos em direção à Santiago de Compostela.

A instituição do mito compostelano, deu-se em razão de uma série de conjunturas, tais como a espiritualidade presente no período, o contexto da dominação muçulmana no Ocidente medieval, que restringia o acesso a Jerusalém, assim como a presença dos islâmicos em território ibérico, que despertava a atenção e admiração europeia para a existência de um sepulcro apostólico nesse território.

Dessa forma, as circunstâncias sociais, culturais e religiosas influenciaram na criação e difusão do mito. Segundo Marc Bloch (2001, p. 58) ao traçar uma comparação entre a tradição cristã da Crucificação e Ressurreição, o que importa não é saber se Jesus foi crucificado e depois ressuscitou. “O que agora se há de compreender é como é possível que tantos homens ao nosso redor creiam na Crucificação e na Ressurreição”.

Por sua vez, através da leitura dos livros II e III, do *Liber Sancti Jacobi*, notamos que o papel de divulgação que estes livros assimilaram colaborou para a expansão do fenômeno compostelano. Dessa forma, fizemos uma viagem bibliográfica a fim de desvendar os aspectos do contexto em que o *Liber Sancti Jacobi* foi escrito e, a saber, como o Imaginário desse período foi fundamental para a escrita desses documentos.

É notável o papel da Sé Compostelana, com a preocupação de trazer à tona outras narrativas que se debruçavam sobre o mito jacobeu, para a preparação do *Liber Sancti Jacobi*. Sendo assim, o mito de São Tiago de Compostela que ainda hoje movimentava milhares de peregrinos em seus caminhos milenares, é um fenômeno que foi possível em razão dos interesses do homem medieval, em vários sentidos, ao peregrino era possibilidade de aproximar-se do modelo santo que o próprio Tiago servia como exemplo. Ao clero era a possibilidade de enaltecimento da Igreja. Às monarquias hispânicas um considerável instrumento de poder. As cidades que surgiram em vias peregrinatórias em direção à Santiago de Compostela os meios de manter o seu comércio. Possibilitou a emergência dos hospitais e das hospedarias e influenciou a cultura literária e musical da Península Ibérica.

REFERÊNCIAS

Fonte:

LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS. Notas de MORALEJO, A. Madri: Instituto Padre Sarmiento, de Estudios Galego, 1951.

LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”. Tradução e notas de MORALEJO, A; TORRES C; FEO, J. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1998. In: MALEVAL, Maria do A, T. Maravilhas de São Tiago. ***Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus)***. Niterói: Ed.UFF, 2005. (Versão bilíngue Latim-Português)

Livros e artigos:

AGOSTINHO, Santo. ***Cidade de Deus Parte I***. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. ***Confissões***. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALMEIDA, Néri de Barros. ***Hagiografia, propaganda e memória histórica: o monasticismo na Legenda Aurea de Jacopo de Varazze***. In: Revista Território e Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul. o dez., 2014 (pp. 94 – 111). Disponível em: Acesso em: 18/10/2015.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. ***Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. I***. Tradução de José Carlos Estêvão. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (319 – 331).

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. ***Apologia da História, ou, O ofício de historiador***. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2001.

ELIADE, Mircea. ***Tratado de história das religiões***. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. ***Dicionário Temático do Ocidente Medieval***. Tradução de Eliana Magnani. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GOMES, Saul António. ***Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média***. In: Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 6 – Junho/2014. Disponível em: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/113/116> Acesso em: 17/05/2016.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval Vol. I e Vol. II**. Tradução de José Carlos Estevão. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Tradução de António José Pinto. Lisboa, Edições 70, 2010.

MALEVAL, Maria do A, T. **Maravilhas de São Tiago. Narrativas do *Liber Sancti Jacobi* (*Codex Calixtinus*)**. Niterói: Ed.UFF, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et.al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUI, Adailson José. **O culto a São Tiago e a legitimação da Reconquista Espanhola**. In: Hist. Revista. Goiânia, v. 17, n. 2, pp. 105-120, jul./dez. 2012.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. **Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do *Liber Sancti Jacobi* e das Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

STANFORD, Peter. **O diabo: uma biografia**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. **Milagre**. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. II**. Tradução de Eliana Magnani. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6



9 788572 474566